



AS DESIGUALDADES DE GÊNERO NO TELETRABALHO SOB A ÓTICA DA PSICODINÂMICA DO TRABALHO

Keila de Cássia Silva – UEG

Grupo de Trabalho: GT 2 – Democracia, Conjuntura Política, Sofrimento e Resistências

RESUMO:

O estudo analisa o teletrabalho sob a ótica da Psicodinâmica do Trabalho (PDT), considerando seus impactos sobre prazer e sofrimento sob uma perspectiva de gênero. Consolidado durante a pandemia de Covid-19, o teletrabalho transforma a organização laboral ao deslocar as atividades para o ambiente doméstico, ampliando a autonomia, mas também intensificando a sobrecarga e as desigualdades entre homens e mulheres. À luz do trabalho decente como parâmetro ético, busca-se compreender se essa modalidade representa um avanço ou se reproduz formas sutis de precarização e sofrimento para o trabalho feminino. Fundamentado na Psicodinâmica do Trabalho, o estudo pretende interpretar a organização do trabalho, as vivências de prazer e sofrimento, a mobilização subjetiva e as estratégias de defesa adotadas diante das contradições do contexto remoto pelas mulheres. De abordagem qualitativa e caráter exploratório, a pesquisa utilizará entrevistas coletivas semiestruturadas com trabalhadoras que vivenciam ou vivenciaram o teletrabalho recentemente. A análise seguirá a técnica de Análise de Núcleos de Sentido. Espera-se oferecer subsídios para políticas públicas que promovam reconhecimento, equidade e saúde mental, especialmente para mulheres em trabalho remoto

Palavras-chave: Trabalho Remoto, Desigualdade de Gênero; Trabalho Decente.

1. INTRODUÇÃO

O teletrabalho, consolidado durante a pandemia de Covid-19, transformou estruturalmente a organização laboral ao transferir as atividades laborais para o espaço doméstico, alterando dimensões objetivas e subjetivas da experiência profissional.

Embora proporcione maior autonomia e mobilidade, essa modalidade também intensifica a sobrecarga, invisibiliza o trabalho reprodutivo e aprofunda desigualdades de gênero (Antunes, 2018; Maranhão; Pantoja, 2024). À luz da Agenda 2030 (ONU,



2015), que estabelece o trabalho decente como parâmetro ético e normativo, torna-se necessário investigar se o teletrabalho efetiva esses princípios ou perpetua formas sutis de precarização e sofrimento.

Fundamentado na Psicodinâmica do Trabalho (Dejours, 1992), este estudo busca analisar as vivências de prazer e sofrimento e as estratégias de mobilização subjetiva no teletrabalho, relacionando-as aos princípios do trabalho decente. Parte-se da hipótese de que, embora o teletrabalho tenha potencial emancipador, ele também pode reforçar desigualdades e gerar sofrimento psíquico, exigindo uma abordagem crítica voltada à saúde mental e à equidade de gênero nesta modalidade laboral.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

A Psicodinâmica do Trabalho (PDT), desenvolvida por Christophe Dejours, concebe o trabalho como central na constituição da subjetividade, identidade e saúde mental, compreendendo o sofrimento como fenômeno inerente à relação entre sujeito e organização laboral (Dejours, 1992). O modelo reconhece o trabalhador como sujeito ativo, capaz de refletir, organizar sua conduta e atribuir sentidos à experiência laboral, enfatizando que o sofrimento não deve ser eliminado, mas compreendido e, quando possível, transformado em prazer (Mendes, 2007).

O sofrimento decorre da tensão entre o desejo de realização do trabalhador e as restrições organizacionais, podendo ser patogênico ou criativo, dependendo da mobilização subjetiva (Dejours; Abdoucheli; Jayet, 1994). Essa experiência é mediada pelo grau de autonomia, cooperação e reconhecimento; quando ausentes, intensificam o sofrimento e comprometem identidade e vínculo coletivo (Dejours; Abdoucheli; Jayet, 1994). Nesse contexto, Pires (2011) argumenta que a integração das categorias organização, condições e relações de trabalho exerce influência direta sobre as experiências de prazer, sofrimento e saúde no trabalho.

Assim, considera-se que o contexto organizacional influencia a experiência subjetiva. A organização do trabalho envolve ritmo, divisão de tarefas, hierarquia e



normas de controle, determinando o espaço para criatividade e autonomia (Dejours, 1992). Condições de trabalho referem-se aos aspectos físicos, químicos, biológicos e ergonômicos, podendo interferir na saúde e potencializar o sofrimento psíquico (Dejours, 1992). Relações de trabalho compreendem interações com chefias, colegas e atores externos, acarretando solidariedade ou conflitos (Pires, 2011). Quando esses elementos limitam o reconhecimento, o sofrimento emerge com maior intensidade.

A mobilização subjetiva, por sua vez, permite transformar o sofrimento em prazer por meio de criatividade, cooperação e reconhecimento (Dejours, 1992). O prazer decorre da expressão da inteligência, cooperação e valorização do esforço, enquanto sofrimento surge na impossibilidade de transformação da realidade laboral e ausência de reconhecimento, afetando identidade e equilíbrio emocional (Dejours, 2006). No teletrabalho, por exemplo, mulheres podem vivenciar simultaneamente prazer e sobrecarga, evidenciando a complexidade dessas experiências (Maranhão; Pantoja, 2024).

Complementarmente, as estratégias de defesa consistem em mecanismos inconscientes que possibilitam ao indivíduo suportar condições adversas sem modificar suas causas, abrangendo, entre outros, evasão mental, presenteísmo e ideologias coletivas (Dejours, 1992). Essas estratégias podem, ainda, configurar ações conscientes de transformação da realidade ou do sentido do trabalho por meio de criatividade, diálogo e cooperação (Lancman; Sznclwar, 2004).

No contexto do teletrabalho, Maranhão e Pantoja (2024) enfatizam a necessidade de políticas públicas e organizacionais que apoiem a parentalidade, práticas inclusivas e igualdade de gênero, garantindo condições mais justas. Essa perspectiva se articula ao ODS 8 – Trabalho Decente e Crescimento Econômico (ONU, 2015) e às análises de Antunes (2018), destacando a coexistência de autonomia aparente com a intensificação e a precarização laboral.

Nesse contexto, o reconhecimento coletivo e a escuta revelam-se essenciais para restaurar o sentido do trabalho, fortalecer vínculos e sustentar a saúde mental, reafirmando a relevância da PDT para compreender prazer, sofrimento e mobilização subjetiva no contexto contemporâneo, inclusive em modalidades remotas como o teletrabalho (Lancman; Sznclwar, 2004; Maranhão; Pantoja, 2024).



3. METODOLOGIA

A pesquisa é qualitativa e exploratória, fundamentada na Psicodinâmica do Trabalho (Gil, 2008). O campo empírico inclui trabalhadoras em teletrabalho ou que tenham vivenciado a modalidade recentemente. As participantes serão selecionadas em diferentes contextos organizacionais para entrevistas coletivas semiestruturadas e questionário sociodemográfico inicial, permitindo acessar dimensões coletivas e simbólicas de prazer, sofrimento, mobilização subjetiva e estratégias de defesa. A análise dos dados seguirá a Análise de Núcleos de Sentido (Mendes, 2007), identificando categorias psicodinâmicas relevantes a partir dos discursos.

4. RESULTADOS/DISCUSSÃO

Os resultados obtidos a partir das entrevistas coletivas revelam uma complexa dinâmica de prazer e sofrimento no teletrabalho, diretamente atravessada pelas Espera-se que a análise das entrevistas evidencie a natureza ambivalente do teletrabalho para as mulheres. Embora a modalidade possa favorecer maior autonomia, flexibilidade e redução do tempo de deslocamento, esses benefícios tendem a ser reduzidos com a intensificação do trabalho, a ampliação da disponibilidade permanente e a sobreposição entre responsabilidades profissionais e domésticas. Sob a perspectiva da Psicodinâmica do Trabalho, essas condições podem comprometer a mobilização subjetiva e favorecer vivências de sofrimento decorrentes da ausência de reconhecimento e da dificuldade de estabelecer fronteiras entre trabalho e vida privada.

Espera-se, ainda, identificar estratégias de defesa relacionadas à naturalização da sobrecarga e à invisibilização do trabalho reprodutivo, bem como estratégias de enfrentamento orientadas à cooperação, à reorganização da rotina e à construção de redes de apoio.

À luz do ODS 8, os resultados esperados poderão contribuir para discutir em que medida o teletrabalho tem promovido condições compatíveis com o trabalho



decente ou, ao contrário, reproduzido desigualdades de gênero e formas contemporâneas de precarização do trabalho feminino.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O teletrabalho constitui um fenômeno complexo, marcado pela coexistência de autonomia, flexibilidade e processos de intensificação do trabalho que podem ampliar desigualdades de gênero e comprometer a saúde mental das trabalhadoras. Nesse contexto, a Psicodinâmica do Trabalho contribui para compreender como a organização do trabalho, as relações socioprofissionais e o reconhecimento influenciam as vivências de prazer, sofrimento e mobilização subjetiva no contexto do trabalho remoto feminino.

Ao investigar as experiências de prazer e sofrimento no teletrabalho sob a perspectiva das mulheres, esta pesquisa pretende ampliar a compreensão sobre os efeitos subjetivos dessa modalidade e sua compatibilidade com os princípios do trabalho decente preconizados pela agenda de desenvolvimento sustentável e responsabilidade social. Espera-se que a análise empírica possibilite identificar fatores organizacionais que favorecem ou dificultam a transformação do sofrimento em experiências de prazer, bem como evidenciar mecanismos que contribuem para a reprodução ou mitigação das desigualdades de gênero.

Como contribuição, o estudo pretende oferecer subsídios para o aperfeiçoamento de políticas públicas e práticas organizacionais voltadas à promoção da equidade de gênero, do reconhecimento do trabalho feminino e da proteção à saúde mental de mulheres em trabalho remoto, contribuindo para o desenvolvimento de modelos de gestão mais inclusivos e alinhados aos princípios do trabalho decente.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, R.. **O privilégio da servidão**: o novo proletariado de serviços na era digital. 9. ed. São Paulo: Boitempo, 2018.

DEJOURS, C.. **A loucura do trabalho**: estudo de psicodinâmica do trabalho. 5. ed. São Paulo: Cortez, 1992.



DEJOURS, C.. **A banalização da injustiça social**. 7. ed. Tradução de Luiz Alberto Monjardim. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

DEJOURS, C.; ABDOUCHELI, E.; JAYET, C. (Org.). **Psicodinâmica do Trabalho**: contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho. São Paulo: Atlas, 1994.

DUARTE, S. R.. **Vivências de prazer e sofrimento do professor(a) formador(a) de disciplina na EaD**: uma análise da psicodinâmica do trabalho. 2022. 121 f. Dissertação (Mestrado em Gestão, Educação e Tecnologias) - Unidade Universitária de Luziânia, Universidade Estadual de Goiás, Luziânia, 2023.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M.. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LANCMAN, S.; SZNELWAR, L. I. (Org.). **Christophe Dejours**: da psicopatologia à Psicodinâmica do Trabalho. Brasília; Rio de Janeiro: Paralelo 15; Ed. Fiocruz, 2004.

MARANHÃO, G. de S.; PANTOJA, M. J. Teletrabalho e qualidade de vida dos servidores públicos: uma revisão sistemática de literatura. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, Boa Vista, v. 20, n. 60, p. 255–285, 2024. <https://doi.org/10.5281/zenodo.14715674>.

MENDES, A. M. (Org.). **Psicodinâmica do trabalho**: teoria, método e pesquisa. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Transformando Nosso Mundo: A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável**. Nova York: ONU, 2015. p. 4; 27. Disponível em: <https://brasil.un.org/sites/default/files/2020-09/agenda2030-ptbr.pdf>. Acesso em: 22 out. 2025.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO (OIT). **Teletrabalho durante e após a pandemia da COVID-19 – Guia prático**. Genebra: Bureau Internacional do Trabalho, 2020. p. 1–2; 12–14. Disponível em: https://www.ilo.org/sites/default/files/wcmsp5/groups/public/@europe/@rogeneva/@ilol-lisbon/documents/publication/wcms_771262.pdf. Acesso em 22 out. 2025.

PIRES, R. V. **As vivências dos profissionais de uma companhia de teatro em relação ao seu trabalho**: uma abordagem psicodinâmica. 2011. 236 f. Tese (Doutorado em psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia. 2011. Disponível em <https://tede2.pucgoias.edu.br/handle/tede/4587>. Acesso em: 9 mai. 2025.